

Droga e trânsito no duelo da morte

29 AGO 1967

CORREIO BRAZILIENSE

JOSE ELIAS MURAD
Especial para o CORREIO

A civilização atual é uma civilização sobre rodas. Ao lado disso, ela é também condicionada ao uso de drogas. Se, cada um desses fatos, isoladamente, já constitui um problema sério nos dias atuais, imagine-se o que pode acontecer quando os dois se associam, isto é, à condução de veículos automotores de soma ao uso de drogas. Diversos medicamentos — inclusive alguns que são vendidos sem prescrição médica — podem interferir com o rendimento de um indivíduo na execução de várias tarefas de rotina que exigem uma certa concentração. Dentre essas tarefas, talvez uma das mais importantes, pela necessidade e frequência de seu uso, seja a condução de veículos automotores.

Os tranqüilizantes ou ansiolíticos são medicamentos vastamente empregados nos dias atuais para combater as neuroses, a tensão emocional e nervosismo. Tendo em vista o tipo de civilização da atualidade, onde se vive sob constante estado de "stress", não é de se admirar o emprego desses medicamentos em alta escala. Há cerca de dois anos, uma pesquisa feita nos Estados Unidos mostrou que um medicamento do grupo, o diazepam (Valium, Diempax), ocupava o primeiro lugar, naquele país, entre as duzentas drogas mais prescritas. Várias pesquisas de laboratório sobre os efeitos de tais medicamentos — principalmente do

grupo do benzodiazepínicos — têm demonstrado seus efeitos deletérios sobre a destreza na condução dos automóveis. Uma simples dose de diazepam, por exemplo, pode prejudicar a capacidade de condução de um motorista durante várias horas. Um estudo realizado nos Estados Unidos, mostrou que, em 68 pacientes, que tomaram diariamente doses de 10 a 100 mg de clordiazepóxido (Librium, Psicosedim), tiveram 10 vezes mais a taxa prevista de acidentes com veículos automotores, em um período de 90 dias. Em outra pesquisa, verificou-se que cinco doses de 10 mg de clordiazepóxido, administradas durante 36 horas, afetaram de forma adversa o rendimento de 20 Voluntários. Um outro estudo, feito na Noruega, revelou que 20 por cento de 75 motoristas hospitalizados naquele país, após acidentes de trânsito, haviam tomado diazepam (Valium). É interessante observar que esses acidentes são mais frequentes e mais graves em indivíduos de idade avançada.

Os neurolepticos são medicamentos empregados no combate às doenças mentais mais graves e que chamamos de psicoses. A maioria deles, como as fenotiazinas (Amplictil, Neuleptil, Anaténsol) e o haloperidol (Haldol), produzem deterioração da capacidade psicomotora, tanto em indivíduos normais como nos doentes, e que é mais nitida nos dias iniciais do tratamento. De um modo geral, a sonolência

que provocam é mais intensa com as fenotiazinas, como, por exemplo, a clorpromazina ou Amplictil. Ambos os efeitos podem levar os motoristas a cometer erros graves, senão fatais, enquanto na direção de seus veículos.

Em relação aos chamados antidepressivos, que são aqueles medicamentos usados para combater as depressões e a melancolia — como a imipramina ou Tofranil — tem-se observado que eles provocam uma diminuição do rendimento de uma série de tarefas normais em voluntários que tomaram cerca de 150 mg por dia. Além dos efeitos sedantes observados nas primeiras semanas iniciais de tratamento, há também medriase (dilatação da pupila) e ciclopegia (distúrbio da acomodação visual). É evidente que tudo isso pode prejudicar enormemente a capacidade de direção dos veículos.

Os analgésicos, isto é, os medicamentos para combater a dor, os barbitúricos ("pilulas para dormir"), os anti-histaminicos (muito usados para combater as alergias e que entram na constituição de vários medicamentos contra a gripe), os anti-epilépticos e as anfetaminas ou "bolinhas", todos eles em doses usuais, podem provocar ataxia (falta de tônus muscular), visão borrosa, diplopia (visão dupla), vertigem, sonolência e tremor, efeitos esses mais evidentes na fase inicial do tratamento. Praticamente todos eles prejudicam a capaci-

dade de discernimento e a destreza dos motoristas, podendo levá-los a cometer erros fatais.

Um medicamento muito usado para baixar a pressão alta, o metildopa (Aldomet) pode provocar episódios de perda de memória (amnésia), dificuldade de cálculos e incapacidade de concentração. Quando associado a outros anti-hipertensivos — como Hidroton, por exemplo — pode provocar náuseas, vertigens, obnubilação (estado vertiginoso, durante o qual os objetos são vistos sem precisão, como através de uma nuvem) e hipotensão severa. Neste caso, são óbvios os perigos para o motorista.

Não há dúvidas de que as bebidas alcoólicas constituem a causa principal dos acidentes provocados pela deterioração da capacidade de conduzir. Contudo, a sua associação com diversos medicamentos é mais perigosa do que qualquer um deles separadamente.

Uma pesquisa realizada há algum tempo, demonstrou que o diazepam, em dose terapêutica mínima de 5 mg, associado às bebidas alcoólicas, piorou nitidamente a coordenação e a função psicomotora dos motoristas. Um trabalho publicado nos países escandinavos revelou que o diazepam (Valium, Diempax) e o álcool foram identificados em mais de 10 por cento dos motoristas hospitalizados por acidentes de trânsito durante um certo período de tempo. A mesma coisa aconteceu pela associação

de bebidas alcoólicas com um analgésico e anti-inflamatório comum, a fenilbutazona (Butazolidina, Butazona). Por outro lado, um antialérgico muito usado, a difenidramina ou Benadril, aumentou os distúrbios da atividade motora provocados pelo álcool. Sob este aspecto, é interessante observar que alguns medicamentos usados contra a tosse e o resfriado comum têm, na sua composição, anti-histaminicos (do tipo do Benadril) e álcool.

Diversos medicamentos, principalmente os tranqüilizantes e outros psicotrôpicos, podem interferir na capacidade do indivíduo para conduzir veículos automotores com segurança. Em alguns casos, mesmo quando esses medicamentos são usados em dose baixa, a sua associação com o álcool pode potencializar os efeitos deletérios sobre os motoristas.

Quando se pensa na importância cada vez maior dos veículos automotores, o seu número crescente e assustador, ao lado do uso cada dia mais intenso das bebidas alcoólicas e o emprego indiscriminado dos medicamentos, começa-se a compreender por que as nossas ruas, avenidas e estradas, vêm-se transformando nas maiores ceifadoras de vidas humanas na atualidade. Pode-se mesmo prever que, no futuro, nenhuma doença ou afecção conseguirá suplantará este trio infernal: homem + máquina droga.

José Elias Murad é deputado federal pelo PTB de Minas Gerais